

A PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE CARTAS PEDAGÓGICAS: O DIÁLOGO NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS

Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula¹

Eliana Nunes da Silva Tinti²

Giovani Giroto³

Resumo: As cartas pedagógicas contribuem significativamente para a instauração do diálogo rigoroso, amoroso e comprometido entre remetente e destinatário. A partir disso, este estudo objetiva analisar escritos oriundos de uma revisão de literatura sobre as cartas pedagógicas de Paulo Freire e as suas contribuições com a instauração do diálogo, a fim de conhecer as discussões acerca do tema na última década. A metodologia adotada é a revisão de literatura, a partir das seguintes bases de dados: *Google Acadêmico*, *SciELO* e Portal de Periódico da Capes. Concluímos que a produção acadêmica acerca das cartas pedagógicas aumentou no decorrer da última década, principalmente as que abordam experiências utilizando cartas em projetos sociais ou em sala de aula. Ademais, os trabalhos em formato de carta pedagógica conquistam espaço na academia e lutam contra a primazia da escrita tradicional acadêmica.

Palavras-chave: Cartas Pedagógicas; Educação; Paulo Freire.

ACADEMIC PRODUCTION ON PEDAGOGICAL LETTERS: THE DIALOG IN THE CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE

¹ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (1989), mestrado em Educação pela Universidade de São Paulo (1994) e doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2005). Pós-doutorado no Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia - UNEB com o Prof. Dr. Augusto Cesar Rios Leiro. E-mail: erciliaangeli@yahoo.com.br

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: enstinti@outlook.com

³ Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (Turma 2020). Bolsista Capes. Possui mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (2020). Possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá (2014) e Segunda Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Educacional da Lapa. Especialista em Docência no Ensino Superior pela Faculdade de Conchas (2016). . E-mail: giovani_giroto@hotmail.com

Abstract: Pedagogical letters make a significant contribution to establishing a rigorous, loving and committed dialog between the sender and the recipient. From this point of view, this study aims to analyze writings from a literature review on Paulo Freire's pedagogical letters and their contributions to the establishment of dialogue, in order to learn about discussions on the subject over the last decade. The methodology adopted is a literature review of the studies found in the following databases: Google Scholar, Scielo and Portal de Periódico da Capes. It was concluded that academic production on pedagogical letters has increased over the last decade, especially those dealing with experiences using letters in social projects or in the classroom. In addition, studies in the pedagogical letter format are gaining ground in academia and fighting against the primacy of traditional academic writing.

Keywords: Pedagogical letters; Education; Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

Com o advento da tecnologia, o gênero textual carta, que outrora era o principal meio de comunicação, agora é substituído pelas mensagens de texto, áudio ou até mesmo vídeos, que podem ser realizados em tempo real. A carta, bem como as mensagens de texto, intenciona transmitir algo a alguém: são exercícios de diálogos escritos. Os diálogos, mantidos pelo comprometimento de ambas as partes com suas respostas, é rigoroso, porque a escrita da carta pedagógica exige a organização ordenada da reflexão e do pensamento. Além disso, os diálogos são amorosos, uma vez as pessoas escrevem para aquelas que possuem carinho e admiração (VIEIRA, 2010).

Em uma sociedade hierarquizada, as cartas permitem a superação destas relações ao oportunizarem diálogos horizontais nos quais todos possuem importância. Portanto, todas as pessoas devem ser escutadas na mesma medida. O indivíduo que apenas conhece a realidade repleta de subordinação e opressão, com a escrita e troca de cartas, pode exercer seu direito de “agência de ser”, ou seja, de falar, posicionar-se, expressar-se e ter sua opinião levada em consideração.

Paulo Freire (1921-1997) foi um importante remetente e utilizou das cartas pedagógicas para expressar suas ideias. Para Vieira (2010), combinar os termos “carta”

e “pedagogia” resulta em uma ferramenta que deve iniciar e manter o diálogo rico de reflexões rigorosas, porém humanas, acerca da educação brasileira.

O problema central desta pesquisa surgiu a partir da seguinte questão: O que está sendo investigado acerca de cartas pedagógicas freireanas e seu papel na fomentação de diálogos? Diante disso, esse estudo objetiva analisar escritos oriundos de uma revisão de literatura sobre as cartas pedagógicas de Paulo Freire e as suas contribuições com a instauração de diálogos, a fim de conhecer as discussões acerca do tema na última década.

Acreditamos que a escolha do tema seja relevante por defender que as cartas pedagógicas oportunizam às pessoas produzirem e refletirem sobre o saber próprio e o de outrem. Além disso, é pertinente por entender que os diálogos são essenciais para a troca e construção de novos conhecimentos, além de compartilhar saberes sobre as características e o papel das cartas pedagógicas. Essas questões, para a fomentação da escrita de cartas pedagógicas, tornam-se imprescindíveis. Assim, a temática foi escolhida pela necessidade de incitar mais diálogos na academia acerca dos resultados da utilização de cartas pedagógicas.

A metodologia deste estudo foi a revisão de literatura a partir de artigos acadêmicos que discutem as cartas pedagógicas e suas contribuições para a instauração de diálogo sob uma ótica freireana. As bases de dados investigadas foram Google Acadêmico, Scielo e Portal de Periódico da Capes com as seguintes palavras chaves: Cartas Pedagógicas, Paulo Freire e Diálogo.

Foram encontrados dezesseis artigos que apresentam a temática. Porém, devido à brevidade deste artigo, a análise contará com cinco produções que tratam objetivamente das cartas pedagógicas, são elas: Ferreira e Rosa (2017), Freitas (2018, 2021), Sotero (2020) e Dotta e Garcia (2022).

Após a introdução, apresentaremos conceitos essenciais para a pesquisa, tomando como base os estudos de Pereira (2013) e Streck (2008) sobre identidade do leitor e rigorosidade de escrita, e de Freire (2000), Máximo (2023), Paula (2023) e Dickmann (2020) acerca da escrita de cartas pedagógicas. Em seguida, detalhamos os caminhos metodológicos percorridos pelos pesquisadores na revisão de literatura cujos resultados serão explicitados na seção “Resultados e Considerações”. Ao final, serão registradas as considerações finais acerca da escrita de cartas pedagógicas como forma de diálogos escritos e as suas contribuições para educação.

A RIGOROSIDADE DAS CARTAS PEDAGÓGICAS

A função primária da escrita é comunicar algo a alguém, logo o que se escreve necessariamente será lido por um público. A fim de melhor transmitir sua mensagem, o escritor deve estar atento ao leitor. Paulo Freire, adepto aos escritos-cartas, escrevia a todos dispostos a pensar e discutir a educação. Não seria este o público de textos acadêmico-científicos da área da educação?

Se toda escrita pressupõe um leitor, Pereira (2013) caracteriza o leitor o qual os textos acadêmicos das cartas pedagógicas devem basear-se.

O destinatário da escrita é, ao mesmo tempo, um sujeito realmente existente e um sujeito possível. Realmente existente porque toda escrita dessa natureza pressupõe um leitor, e esse leitor deve ser tomado como referência para o endereçamento das ideias. Suas características, repertório e posição são indicadores para a escolha de estratégias enunciativas e para a escolha do vocabulário. Mas também é um sujeito possível no sentido de se considerar que a escrita deve atravessar o tempo e durar. Portanto, vale investir em um sujeito que ainda-não está lá para ler, tanto no sentido de alguém que ainda-não existe porque não nasceu como alguém que ainda-não chegou ao campo ou não acedeu àquele lugar de interlocutor desse texto (PEREIRA, 2013, p. 214).

O autor destaca a importância de escolher, a partir das características do leitor, o vocabulário que melhor comunicará a mensagem. A escrita empregada em escritos acadêmicos, que leva em conta tanto o leitor existente quanto o possível, supera o imediatismo da opinião e do senso comum e, portanto, diferencia a ciência dos demais saberes (PEREIRA, 2013).

A escrita de Paulo Freire, em muitas de suas obras, diferencia-se da escrita tradicional acadêmico-científica. Vale destacar que ele escreveu vários livros em formas de cartas, considerados livros-cartas como: “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”, Freire (1993), “Cartas a Cristina”, Freire (1994), “Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos”, Freire (2000), “Cartas a Guiné Bissau: registros de uma experiência em processo”, Freire (2011). Esses livros, escritos majoritariamente na forma de diálogos em cartas pedagógicas, apresentam discussões problematizadoras sobre a sociedade da época e foram escritos com rigorosidade acadêmica.

Ao mesmo tempo, o conteúdo comunicado nessas cartas aos leitores pressupõe diferentes contribuições para a educação no Brasil e no mundo. No decorrer das cartas escritas e publicadas por Freire nas obras acima mencionadas, tem-se um recorte histórico de leitura de mundo e de sociedade através da interferência dessas questões na realidade de espaços escolares e não escolares, porém, que educam.

A formação docente, assim como os desafios da profissão, são temas também analisados por Paulo Freire em suas obras. Ao trabalhar com as cartas pedagógicas, cria-se uma atmosfera de aproximação entre aquele que comunica e aquele que lê, remontando um elo de subjetividade que humaniza toda a construção – também científica – que os textos pedagógicos apresentam. De tal forma, observamos que os textos freireanos possuem elementos subjetivos, sem com isso perder o rigor da escrita acadêmica.

De acordo com Streck (2008, p. 363) a rigorosidade freireana está

[...] na forma como trata os temas. Há uma aproximação amorosa do objeto a ser compreendido, de vários ângulos, numa abordagem inter(trans)disciplinar. O compromisso não é com determinada teoria a ser “comprovada”, mas com o desvelamento da realidade que, por mais competente que seja o exercício, será sempre maior que a capacidade de apreendê-la.

Pereira (2013) critica a tendência inter(trans)disciplinar oriunda da falta de rigorosidade nos escritos acadêmicos. A abordagem freireana adota a inter(trans)disciplinaridade pois entende que a realidade é complexa e, portanto, integra a prática de “rigorosidade” utilizar todos os instrumentos disponíveis a fim de entendê-la e transformá-la (STRECK, 2008). Neste caso, a inter(trans)disciplinaridade é a metodologia, a forma de alcançar a compreensão do mundo e sua transformação.

A denúncia de Pereira (2013) revela a inter(trans)disciplinaridade enquanto consequência de uma escrita acadêmica carregada de sofismo, exagero e não criticidade. Tal escrita possui uma linguagem de sucessões de argumentos sustentados por retóricas e palavras propositalmente complicadas. Essas escolhas “[...] favorecem uma arrogância que afasta tanto quanto uma soberba que diminui o leitor” (PEREIRA, 2013, p. 219).

Em contrapartida, a linguagem das cartas pedagógicas, de acordo com Freire (2000. p. 19-20), está “[...] resguardada da arrogância que intimida e inviabiliza a comunicação, [...] do elitismo teoricista, [...] do simplismo reacionário e soberbo que se funda na subestimação do outro – o outro não é capaz de me entender”.

Ainda, a escrita de cartas permite a utilização de uma linguagem diferente (porém não menos rígida, no caso das que buscam compartilhar saberes científicos) que possibilita ao autor-pesquisador expressar o que sempre esteve na mente e no coração (MÁXIMO, 2023). De acordo com Paula (2023), o rigor do pensamento reflexivo acerca da realidade e aprendizagens direciona os escritos em formato de cartas pedagógicas.

Ao aproximar a rigurosidade, tanto metodológica quanto de conteúdo, dos escritos pedagógicos com a subjetividade e aproximação com as diversas realidades das cartas, constrói-se um recurso amplamente rico para as ciências humanas: as cartas pedagógicas. Assim, os saberes partilhados pelas cartas pedagógicas são compreendidos como instrumentos democráticos e acessíveis.

Dickmann (2020) apresenta pontos característicos de cartas pedagógicas: um ponto de partida, que pode ser a história de vida ou a realidade atual de quem escreve; um objetivo de escrita, pois todo escrito tem intencionalidade, sendo a construção de diálogos acerca do tema o que orienta a escrita de cartas; e a produção de conhecimentos e postura política, assim se tornando pedagógica e se diferenciando das demais cartas.

Isto posto, uma escrita acadêmica em formato de um artigo científico não pode ser vista como superior apenas por estar difundida em um modelo coesivamente aceito pela academia. Esta deve ser analisada buscando saber se apresenta criticidade e rigurosidade, pois estas características fundamentam o saber científico. As cartas pedagógicas, portanto, podem representar uma escrita acadêmica comunicadora de ciência, pois sua natureza é crítica e rigorosa.

A REVISÃO DE LITERATURA COMO MÉTODO DE PESQUISA

Esta pesquisa foi desenvolvida sob a óptica de uma abordagem qualitativa com o uso da metodologia de revisão de literatura. A revisão de literatura está comumente presente no início de pesquisas acadêmicas, uma vez que é a partir desta que o pesquisador se informará sobre o estado atual do conhecimento do tema de seu interesse, reconhecendo os principais referenciais teóricos, os campos majoritariamente estudados e, conseqüentemente, as áreas pouco estudadas.

Sobre isso, Brizola e Fantin (2016) exploram a ideia de revisão de literatura atrelada à mensuração de valor de um tema ao explicar que, em virtude de sua natureza investigativa, ela permite que o pesquisador evite abordagens já percorridas, evitando que sua pesquisa seja repetitiva e, portanto, irrelevante. Dessa forma, defendemos que uma pesquisa deve contribuir para o campo de conhecimento ao qual está inserida.

Enquanto metodologia, isto é, não tratada apenas como uma etapa inicial, mas enquanto principal atividade da pesquisa, a revisão de literatura realiza-se “[...] a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. [...] O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos” (SEVERINO, 2017, p. 93).

Abordagens freireanas estão presentes em diversas produções acadêmicas como referenciais teóricos importantes, principalmente em textos que referenciam o patrono da educação brasileira e seu método dialógico (enquanto elencam outros elementos importantes de sua pedagogia como a amorosidade, a transformação e a conscientização). As cartas pedagógicas são instrumentos importantes na construção de dados de pesquisas qualitativas. Embora seja incontestável que as produções sobre cartas pedagógicas têm aumentado na última década analisada, também é preciso considerar que, em comparação com outras ferramentas de pesquisa, as produções que debatem a temática da carta pedagógica estão ainda se consolidando no Brasil em áreas específicas.

Paulo (2023, p. 7) descreve que as cartas pedagógicas são utilizadas na Educação Popular e apresentam uma potência significativa para as ações educacionais. Segundo a autora,

A Sistematização de Experiências mediante o uso de Cartas Pedagógicas vislumbra a produção de conhecimentos e de ensino-aprendizagens significativos. Além disso, uma das finalidades de pesquisas participativas

orientadas pela Educação Popular emancipadora tem por propósito fazer com que nos apropriemos, criticamente, das experiências vividas, compreendendo-as teoricamente, na direção de apresentarmos propostas de práticas educativas na perspectiva transformadora.

Moraes e Paiva (2018, p.10) descrevem como as cartas pedagógicas na educação auxiliam na construção de conhecimentos, na produção de textos autorais, criativos e esteticamente bem estruturados. No texto, lê-se que o trabalho

por via das cartas como modalidade de comunicação e de produção literária é algo que valorizamos bastante, pois, a apropriação e o tratamento concedido às missivas tendem a criar a possibilidade de dar um tratamento estético aos referidos assuntos educacionais. Esforçamo-nos, pois, para que a dimensão do produto estético esteja nas produções textuais variadas e também na apreensão e discussão de ações de Educação e Cultura.

Nesta pesquisa de iniciação científica foram feitas investigações em diferentes bibliotecas digitais como *Google Acadêmico*, *Scielo* e Portal de Periódicos da CAPES sobre as Cartas Pedagógicas em uma perspectiva freireana como fomentadoras de diálogos, com um recorte temporal de dez anos (2013 a 2023). As palavras-chave utilizadas foram “Cartas Pedagógicas”, “Paulo Freire” e “Diálogo”. Em um primeiro momento, encontramos 35 trabalhos pertinentes com a temática (30 artigos, 2 dissertações e 3 teses). Após a seleção primária, que consistiu na leitura dos resumos, escolhemos 16 artigos, entre os quais elegemos 5 títulos para análise aprofundada na próxima seção deste artigo, como apresentado no quadro abaixo.

Quadro 1 – Títulos selecionados para análise

NOME DO ARTIGO/ANO DE PUBLICAÇÃO	AUTORAS/ INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO	MEIO DE PUBLICAÇÃO
Cartas Pedagógicas: Percepções da Sororidade em Tempos de Crise.	Luciane Rocha Ferreira e Roberta Soares da Rosa. (Unisinos, São Leopoldo/RS)	Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião.

(2017)		
Carta sobre Cartas Pedagógicas: Compartilhando experiências sobre a Formação de Professores/as e de Gestores/as (2018)	Ana Lúcia Souza de Freitas (Unisinus, São Leopoldo/RS)	Anais do II Congresso Internacional Paulo Freire: O Legado Global.
Carta Pedagógica: Direito à Educação e Educação Especial em Tempos de Pandemia (2020)	Mariana da Cunha Sotero (Secretaria Municipal de Educação, Campinas/SP)	Revista Crítica Educativa.
Fazer a aula com Cartas Pedagógicas: Legado de Paulo Freire e experiência de reinvenção no ensino superior (2021)	Ana Lúcia Souza de Freitas (UNIPAMPA, Uruguaiana/RS)	Revista Docência em Ensino Superior.
Cartas Pedagógicas: Uma inspiração Freiriana (2022)	Carla Luz Salaibb Dotta (UERGS, Erechim/RS. UFRGS, Porto Alegre/RS) e Elisete Enir Bernardi Garcia (UFRGS, Porto Alegre/RS)	Revista Reflexão e Ação.

Fonte: Os autores (2024)

A seguir, analisamos os títulos selecionados no que tange o desenvolvimento de suas pesquisas, o uso das cartas pedagógicas e como elas configuram-se como um instrumento essencial para a educação dialógica.

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES

Observamos que a maioria das pesquisadoras da temática estavam vinculadas a Instituições de Ensino Superior (IES) do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil. Em um dos artigos analisados, a pesquisadora Freitas (2021) chama atenção à popularização da temática no estado e considera que os eventos desenvolvidos no estado, por aceitarem trabalhos em forma de Cartas Pedagógicas, contribuíram para o aumento de interesse na temática. Ainda, Freitas (2021) destaca o dossiê temático da Revista Crítica

Educativa e afirma que ele é pioneiro em disponibilizar trabalhos em formato de cartas pedagógicas.

O artigo “Carta Pedagógica: Direito à Educação e Educação Especial em Tempos de Pandemia”, de Sotero (2020), a única autora localizada no Sudeste, integra o dossiê citado. A autora apresenta-se como coordenadora pedagógica na Secretaria Municipal de Educação, sem vinculação com uma IES.

O artigo de Ferreira e Rosa (2017), de título “Cartas Pedagógicas: Percepções da Sororidade em Tempos de Crise”, relata uma experiência vivida por educadoras sociais no projeto “Ações Integradas de Economia Solidária” realizado em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, com pessoas em situação de desemprego. O projeto, idealizado pela prefeitura local, objetivou transformar a situação de pessoas em extrema pobreza por meio da formação humana, capacitação profissional e inclusão produtiva (FERREIRA; ROSA, 2017). Enquanto educadoras sociais, as pesquisadoras trabalharam conteúdos atrelados à comunicação, à ética, ao mercado de trabalho e à economia solidária.

A escolha pela abordagem popular freireana oportunizou que as profissionais explorassem as temáticas para além do conteúdo programado, alcançando o campo da vida cotidiana das pessoas envolvidas, suas necessidades e desafios. Em vista disso, as pesquisadoras propuseram a utilização de cartas pedagógicas como avaliação final do processo educativo, a fim de levar o participante a refletir sobre si, o outro e seu mundo.

Com o objetivo de auxiliar a reflexão, as educadoras mediarão a escrita com questionamentos voltados para o processo formativo promovido pelo projeto: como eles conheceram o curso, quais momentos foram mais marcantes e o que poderia ter sido diferente. Ferreira e Rosa (2017) seguem apresentando trechos de oito cartas produzidas que revelam a contribuição do projeto para a superação de problemas pessoais e psicológicos e a melhora significativa na autoestima dos participantes, que, a partir da

pesquisa, enxergam-se como sujeitos capazes de construir, em si e para os outros, o conhecimento.

A experiência vivida no projeto contribuiu consideravelmente para a vida dos participantes, principalmente pela escolha da abordagem dialógica freireana: as rodas de conversa e a escrita de cartas representam espaços de escuta e de incentivo aos estudantes dizerem sua palavra.

O escrito de Sotero (2020), intitulado “Carta Pedagógica: Direito à Educação e Educação Especial em Tempos de Pandemia”, diferencia-se por estar em formato de carta pedagógica. Nela, a autora escreve sobre as mudanças desencadeadas pela pandemia, principalmente no que tange aos (novos) significados atrelados à escola em uma época de distanciamento social. Além disso, Sotero (2020) mostrou preocupação com a educação especial e dissertou sobre os caminhos trilhados pelos profissionais para que o direito à educação seja garantido às pessoas com deficiência.

A autora conversou com professoras de educação especial e descobriu que o isolamento fez com que fosse necessário retomar a(s) relação(ões) escola-comunidade. A escola, “(...) para aqueles estudantes e famílias com quem foi possível se fazer presente, também busca ser presença, criar relações sociais, éticas, estéticas e cognitivas, sobretudo criar possibilidades de diálogos.” (SOTERO, 2020, p. 5, grifo nosso).

O diálogo é fundamental nesta carta, aparecendo como princípio, já que ela é escrita a partir dos diálogos instaurados entre autora e professora, autora e colegas, e finalidade pois, Sotero (2022) escreve com o intuito de iniciar uma reflexão e diz que, para os problemas propostos durante a carta, vários diálogos estão sendo elaborados em escolas, em comunidades, em reuniões, em famílias e em secretarias. É uma “orquestração de diálogos”, termo cunhado pela própria autora.

Sotero (2020, p. 4, grifo da autora) traz problematizações em sua carta sobre os desafios do professor de educação especial na pandemia

Desafios se colocam no caminhar: contatos telefônicos desatualizados, famílias que não tem acesso aos aparelhos ou a internet; famílias em situações tão vulneráveis socialmente que têm comprometida as condições de se contactar a escola, famílias e estudantes avessos a acessar a escola de forma virtual... A escola não consegue se fazer presente para todos, há crianças, adolescentes, jovens e adultos que ficam de fora! Realidade que inquieta “[...] *tem me deixado bem incomodada o fato de não ter encontrado algumas crianças e famílias*” são palavras de uma professora. Mas o direito de todos à educação, previsto na nossa Constituição Federal e fruto de muitas lutas, não deixou de existir com a pandemia!

Seu artigo em forma de carta pedagógica faz o leitor pensar na realidade vivida e indagações que a autora propõe. No final, termina sua carta pedagógica com a seguinte escrita: “Mesmo em tempos de pandemia a vida nos mostra que: a escola é lugar de relação ...Escola é lugar de diálogo... A escola é lugar de todos...” (SOTERO, 2020, p. 7)

Nesta revisão de literatura, dois trabalhos da pesquisadora Ana Lúcia Souza de Freitas foram analisados. Seu resumo expandido “Carta sobre Cartas Pedagógicas: Compartilhando Experiências sobre a Formação de Professores/as e de Gestores/as”, de 2018, intencionou apresentar um breve estudo bibliográfico sobre o conceito de cartas na obra de Paulo Freire para, então, apresentar uma experiência de utilização de cartas pedagógicas como forma de avaliação final em um mestrado profissional em gestão escolar.

Em seu estudo, a autora revela que “[...] os questionamentos dos estudantes se reduzem a tirar dúvidas sobre o ‘como fazer’, marcadas pela ansiedade em corresponder a imaginárias expectativas da professora e, deste modo, restringindo as possibilidades de uma escrita autoral” (FREITAS, 2018, [n.p.]). Há a necessidade de uma mediação

docente voltada ao incentivo da escrita por meio de análises e sugestões de melhorias feitas pelo professor(a) ao estudante.

Freitas (2018) conclui que cartas contribuem para o desenvolvimento da escrita autoral e provocam a emoção e reflexão tanto de quem escreve quanto de quem lê. Ademais, o prazer pela escrita é recuperado a partir da produção de uma carta, sendo este prazer de caráter tanto pessoal quanto político.

Ao final, a pesquisadora revela um desejo de incitar a escrita, a reflexão e o diálogo acerca da temática a partir de sua carta. Instaura-se, de tal modo, o ciclo freireano de ler, de discutir, de estudar e, principalmente, de responder as cartas.

Em seguida, em seu artigo “Fazer a aula com Cartas Pedagógicas: legado de Paulo Freire e experiência de reinvenção no ensino superior”, Freitas (2021) aprofunda suas discussões sobre cartas pedagógicas em Paulo Freire e seu potencial metodológico no ensino.

A autora discorre sobre expressões cunhadas por Paulo Freire e, enquanto alguns são vastamente conhecidos (educação bancária, círculos de cultura, inédito-viável e curiosidade epistemológica), “cartas pedagógicas” trata-se de uma expressão deixada em aberto para que leitores(as) reinventem-nas (FREITAS, 2021).

Ao valer-se do verbete de Adriano Vieira sobre Cartas Pedagógicas, referenciado na primeira seção deste artigo, Freitas (2021) concorda que as cartas possuem rigor e amorosidade concretizados em um diálogo escrito. Em seguida, a professora expõe detalhadamente suas experiências em fazer aula com cartas pedagógica.

O trabalho docente baseia-se em fornecer possibilidades para produção e construção de conhecimento. Tais possibilidades são feitas a partir das interações e diálogos entre docente e discente. Portanto, afirmar que a aula “se faz”, ao invés de “se dar”, culmina na ideia de construção de aula por meio das trocas realizadas entre

professores e estudantes, ao passo que o(s) resultado(s) possíveis são diversos e não conseguem ser previstos.

A escrita de cartas, como retratado em seu resumo expandido, contribui para a construção de novos significados na escrita acadêmica, ao passo que substitui o sentimento de medo pelo de alegria de escrever de maneira autoral (FREITAS, 2021).

O artigo “Cartas Pedagógicas: Uma Inspiração Freireana”, de autoria de Dotta e Garcia (2022), representa um projeto de dissertação de mestrado profissional em educação e analisou, por meio de cartas pedagógicas, as trajetórias universitárias de estudantes oriundos da educação de jovens e adultos (EJA).

Por meio de uma carta convite, as pesquisadoras convidaram os participantes (universitários egressos da EJA) a escrever duas cartas: uma sobre a narrativa de trajetória escolar, com destaque para a EJA, e a inserção no ensino superior e outra dirigida à modalidade EJA. As pesquisadoras advertiram que as cartas poderiam ser endereçadas a qualquer pessoa desde que ela tivesse exercido um papel importante na trajetória daquele estudante na EJA.

O artigo apresenta trechos de cinco cartas. É perceptível que todos os egressos consideram a EJA uma oportunidade de terminar os estudos e de seguir adiante em um ensino superior, sendo, como denominado por Dotta e Garcia (2022, p.80), “[...] um caminho para materialização dos sonhos [...]”. Porém, as cartas também revelam os preconceitos existentes por meio do sentimento inicial de vergonha de precisar seguir os estudos na EJA.

Ao mesmo tempo que intencionam desmentir as ideias de que a EJA não qualifica o sujeito para a inserção em uma Instituição de Ensino Superior, as autoras objetivam

[...] proporcionar, não apenas um espaço de diálogo com nossos interlocutores, mas também a oportunidade de levarem a modalidade às lembranças e sentimentos que impulsionaram a continuidade de seus estudos, pretendemos

que essas cartas sejam, de fato, lidas por estudantes da modalidade. (DOTTA; GARCIA, 2022, p. 74).

Em suma, os trabalhos desenvolvidos na área buscam utilizar as cartas pedagógicas como ferramenta metodológica em suas pesquisas e/ou em seus artigos, utilizando a carta como instrumento de reflexão sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. Notamos que todos os trabalhos referenciam Paulo Freire e sua abordagem de educação social popular crítica, transformadora, rigorosa e amorosa.

As cartas pedagógicas possuem fundamentos e finalidades no diálogo: o trabalho com elas surge a partir de conversas realizadas entre os participantes, desenvolve-se em uma troca de orientações docentes e dúvidas discentes e a sua escrita incita a reflexão e escrita do outro. Embora as dificuldades enfrentadas digam respeito à estranheza à estrutura do gênero, as cartas se mostram alternativas para resgatar o gosto à escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo Freire cunhou diversas expressões durante sua trajetória, tais como círculos de cultura, educação bancária, curiosidade epistemológica, dentre outras. Além disso, deixou a expressão “cartas pedagógicas” para que os leitores(as), estudiosos(as) e educadores(as) sintam-se desafiados a imprimir sentidos e significados ao formato de escrita rigoroso, amoroso e esperançoso.

Constatamos que as cartas pedagógicas incitam o desenvolvimento da escrita autoral. Ao passo que as cartas devem ser lidas e respondidas, instaura-se uma relação de comprometimento entre remetentes e destinatários, que se revezam nos papéis e, pela própria reflexão, buscam causar a reflexão no outro. Incentivar a escrita do outro é um convite ao estabelecimento do diálogo constante. Quando não se é explicitado o

destinatário e, mesmo assim, há resposta, conclui-se que o conteúdo da carta dialogou emocionalmente com o outro, causando uma identificação pessoal para com os conteúdos.

É importante valorizar e explorar a temática de cartas pedagógicas, que, embora estejam ganhando notoriedade entre os pesquisadores da área da educação, ainda enfrentam preconceitos em relação ao seu formato de escrita, sendo este considerado menos crítico em comparação aos formatos tradicionais da academia.

A revisão literária constatou uma presença considerável da temática em pesquisas na última década, ressaltando a concentração de estudos na região sul do país e a prevalência de pesquisadoras mulheres. As cartas pedagógicas não são tratadas separadamente do conceito de diálogo, sendo que uma representa um caminho para o outro.

As cartas não se caracterizam como o principal meio de comunicação da grande massa, porém os objetivos freireanos de manter um diálogo constante, expressar ideias, gerar estudos e respostas continuam em meios eletrônicos de comunicação: e-mails, mensagens de texto, postagens em redes sociais e murais eletrônicos, etc. As cartas pedagógicas em meios físicos e digitais fomentam e mantêm o diálogo rigoroso, porém amoroso e, principalmente, esperançoso.

REFERÊNCIAS

BRIZOLA, J.; FANZIN, N. Revisão de Literatura e Revisão Sistemática da Literatura. **Revista de Educação do Vale dos Arinos**, Juara, v.3, n.2, p.23-29, jul./dez., 2016. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/1738>. Acesso em: 01 jul. 2023.

DICKMANN, I. As dez características de uma carta pedagógica. In: PAULO, F. S.; DICKMANN, I. (Orgs.). **Cartas Pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular**. Chapecó: Editora Livrologia, 2020, p. 37-53.

DOTTA, C. L. S.; GARCIA, E. E. B. Cartas Pedagógicas: Uma Inspiração Freireana. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.30, n.1, p.69-84, jan./abr., 2022. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/16045>. Acesso em: 01 jul. 2023.

FERREIRA, L. R.; ROSA, R. S. Cartas Pedagógicas: Percepções da Sororidade em Tempos de Crise. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 5., 2017, São Leopoldo. **Anais**. [...] São Leopoldo: EST, 2017. p. 429-438.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1993.

_____. **Cartas a Cristina**. 3ª. Edição, São Paulo, Editora Paz e Terra, 1994.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Cartas a Guiné Bissau**: registros de uma experiência em processo. 5ª edição. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2011.

FREITAS, A. L. S. Carta sobre Cartas Pedagógicas: Compartilhando Experiências sobre a Formação de Professores/as e de Gestores/as. In: II Congresso Internacional Paulo Freire: O Legado Global, 2., 2018, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos**. [...] Campinas: Galoá, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/freire-globalconference-2018/trabalhos/carta-sobre-cartas-pedagogicas-compartilhando-experiencias-sobre-a-formacao-de-p?lang=pt-br#>. Acesso em: 01 jul. 2023.

FREITAS, A. L. S. Fazer a Aula com Cartas Pedagógicas: Legado de Paulo Freire e Experiência de Reinvenção no Ensino Superior. **Revista Docência Ensino Superior**, Belo Horizonte, v.11, n.1, p. 01-20, nov., 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/35283>. Acesso em: 01 jul. 2023.

MÁXIMO, M. O. Carta Pedagógica de uma Mulher Negra, Mãe e Mestranda com Muito Orgulho. In: PAULA, E. M. A. T.; MARTINELLI, T. A. P.; MACHADO, M. C. G. (Orgs.). **Saberes compartilhados em Cartas Pedagógicas: múltiplas aprendizagens**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023, p. 93-98.

MORAES, A. C.; PAIVA, D. L. **Cartas pedagógicas: reflexões de docentes da educação básica e superior**. Fortaleza, EdUECE, 2018.

PAULA, E. M. A. T. Carta Pedagógica para nossos Diálogos Escritos: O Esperançar Freireano em Tempos Sombrios e Turbulentos. In: PAULA, E. M. A. T.; MARTINELLI, T. A. P.; MACHADO, M. C. G. (Orgs.). **Saberes compartilhados em Cartas Pedagógicas: múltiplas aprendizagens**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023, p. 35-40.

PAULO, F. S. Cartas Pedagógicas como instrumento metodológico de pesquisas participativas. **Revista Internacional de Ensino Superior**, Campinas, São Paulo, v 9, p. 1-15, 2023.

PEREIRA, M. V. A escrita acadêmica - do excessivo ao razoável. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 52, p. 213-244, jan./mar., 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782013000100013>. Acesso em: 03 jul. 2023.

SEVERINO, A. J. Teoria e Prática Científica. In: SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2017. p. 74-96.

SOTERO, M. C. Carta Pedagógica: Direito à Educação e Educação Especial em Tempos de Pandemia. **Crítica Educativa**, Sorocaba, v. 6, n.1, p.01-07, dez., 2020. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/462>. Acesso em: 01 jul. 2023.

STRECK, D. R. Rigor/Rigorosidade. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p.362-363.

VIEIRA, A. Cartas pedagógicas. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p.65-66.

Recebido em maio de 2024

Aprovado em setembro de 2024.